

SALVOS DA
PERFEIÇÃO



ELIENAI CABRAL JR.

SALVOS DA
PERFEIÇÃO

mais humanos e mais perto de Deus



Editora Ultimato
Viçosa, MG

Copyright © Elienai Cabral Junior, 2009

Primeira edição: Junho de 2009

Revisão: Bernadete Ribeiro

Diagramação: B.J. Carvalho

Finalização: Paula Mazzini Mendes

Capa: Ale Gustavo

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

C117s Cabral Junior, Elienai, 1970-
2009 Salvos da perfeição : mais humanos e mais perto de Deus /
Elienai Cabral Junior. — Viçosa, MG : Ultimato, 2009.
168p.; 21cm.
ISBN 978-85-7779-028-9
1. Deus. 2. Mística. 3. Cristianismo – Observações.
4. Pregação. 5. Fé I. Título.

CDD 22.ed. 231

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA.

Caixa Postal 43

36570-000 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimato.com.br

Uma noite ilustrada de estrelas no céu limpo de Brasília,
frio de outono que une dois jovens apaixonados. Éramos
tão jovens, tão namorados, tão sonhadores. Entre um beijo
despreocupado e palavras quase irresponsáveis, imaginamos
o futuro. Um casamento e muitos filhos. Uma vocação e muitas
ideias. Muitas inquietações e um livro.

A você, Bete, este pedaço de nós tão sonhado.



SALVOS DA PERFEIÇÃO



Deus de tão perfeito conheceu a plenitude do tédio. De tão cercado pelo idêntico a si mesmo, incapaz de dizer por que hoje não é apenas um reflexo de ontem, sem jamais ter sonhado com um outro dia, enfadado com a previsibilidade de um mundo impecável, inventou o amor. Ou seria, preferiu amar?

A invenção do amor, ou dos amigos, é o encontro com o imperfeito e aqui está a sua grandeza. Nada se compara ao êxtase da imaginação, à adrenalina do inusitado, ao ciúme diante do livre amante, à ardência do anseio pelo melhor, ao sabor fugidio do fugaz, à satisfação de um mundo transformado, ao descanso gostosamente dolorido diante do que não mais é caos. Sensações próprias da vida imperfeita, do que está para sempre para ser, dos que sempre podem desejar uma outra coisa. Dos humanos.

Logo depois de inventar o imperfeito, Deus conheceu a lágrima da frustração. A dor mais feliz que espíritos livres sentem. Viu as costas dos que mais amou. Duvidou sem desistir, o Criador chorou mais uma vez. Desta lágrima descobriu o perdão. Lágrima esquentada com afeto e graça.

Malcompreendido pelos amigos, inimigos tolos, pecado, recobriram-no de ídolo. De tão cansados do incerto, angustiados por tanta liberdade, os amigos inventaram ídolos, pretensos profetas e arrogantes senhores do futuro, sacerdotes e magos de um deus acuado, cristos milagreiros da mesmice ressurreta. Inventaram a religião, vestiram-se de absoluto.

Deus, que do absoluto fugiu em desespero, que inventara o imperfeito, imperfeito se fez. Inventou-se entre os incertos. Aperfeiçoou a imperfeição. Humanizou-se entre humanos. De tão impreciso, despido das forças do absoluto, igualmente inapreensível, excepcionalmente frágil, tão vivo e tão morto, descortinou o absoluto como quem desnuda o que é mau. Imperfeito, salvou-nos da perfeição.

Elienai Cabral

SUMÁRIO

Prefácio	11
Introdução	15

parteUM

UMA IDEIA ANTIGA PARA UM PROJETO RENOVADO DE SER GENTE

1. Encontrando Deus na próxima esquina	23
2. Por que os heróis sempre fracassam?	35
3. Por que não desistir da fé	43
4. Contra os indecisos e os desapaixonados	53

partedoIS

DEUS FEITO GENTE – ENCONTROS E DESENCONTROS PARA UMA NOVA HUMANIDADE

5. O poder de uma vida despretenhiosa	65
6. O que pode estar "oculto" em nosso culto	73
7. As coisas da graça ou a graça das coisas?	81
8. O dia em que Jesus aprendeu sobre a fé	91
9. Viver pela fé é viver sem milagres	101
10. As dúvidas que Tomé não teve	109

partetrês

UM OUTRO OLHAR PARA DEUS, A BÍBLIA E NOSSA HUMANIDADE

11. Senhor, obrigado pelo herege	121
12. Sobre a coragem dos homens e a liberdade de Deus	131
13. Salvos pela metáfora	139
14. Babelismo – as perversas construções humanas e a divina desconstrução	149
15. O Gênesis do amém	159



PREFÁCIO

TENHO PREFACIADO VÁRIOS LIVROS de autores evangélicos, mas este tem um sentido especial: Elienai Junior é meu filho!

Desde tenra idade, Elienai Junior gostava de questionar sobre conceitos de vida, na família e na igreja. Desenvolveu uma capacidade de pensar o cristianismo que vivemos, oferecendo aos que o leem ou ouvem a oportunidade de refletirem sobre suas vidas dentro dos parâmetros da Palavra de Deus.

Os temas aqui apresentados não estão presos a uma cronologia, a um assunto específico, mas cada um desafia a curiosidade do leitor que busca respostas para indagações sobre Deus e homem, fé e dúvida, morte e vida, guerra e paz.

O título *Salvos da Perfeição* revela o pensamento que instiga a mente do autor e a sua preocupação em colocar o ser humano na sua própria dimensão: ser gente — nada mais que isto!

A obra reflete as pregações do autor na igreja que pastoreia e que deu-lhe a oportunidade de reflexões sobre o cristianismo vivido nos tempos modernos. Uma das questões é sobre dúvida e fé. No capítulo em que aborda “as dúvidas que Tomé não teve”, o autor se diz um homem de muitas dúvidas, porque entende a dúvida numa perspectiva humana. Ela faz

parte de nossa humanidade, diferentemente de como a religião a interpreta e, com exagero, a mistifica como algo demoníaco. Por outro lado, o autor entende que “não há pensamento sem a dúvida. Ela é a questão aflita que promove investigação e novas descobertas. Primeiro, desestabiliza o que já está estruturado e sobre o que calcamos nossas crenças, valores, projetos e esperança. Desestrutura a convicção que garante alguma segurança”.

Naturalmente, o ato de duvidar não consiste essencialmente em negar uma realidade, mas significa refletir com racionalidade alguns modelos de fé que são pródigos de realidades divinas. No caso de Tomé, ele precisou tocar no corpo de Cristo para certificar-se da realidade. Por esse ato, Tomé fortaleceu ainda mais sua fé na realidade do Cristo ressurreto. Por outro lado, como interpretamos a fé? Ela é uma muleta ou um caminho para algo autêntico? Uma grande dificuldade na questão da fé é o que a separa da incredulidade. Para alguns a fé é ilusória, enxerga um mundo invisível, que não existe. Para outros a fé revela a existência de um mundo que só se pode contemplar por meio da fé. Porém a Bíblia é decisiva nesta questão: “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não veem” (Hb 11.1).

Elienai Junior faz outras incursões contundentes, que obriguem o leitor a se postar na leitura para tirar a limpo o que ele quer dizer. Quando fala da sua admiração pelo herege, não faz apologia do erro, mas provoca a reflexão sobre o que está por trás daquilo que se interpreta como herege. Foi o que aconteceu nos dias de Jesus. Chamaram-no de herege, blasfemo, porque suas doutrinas desafiavam a hipocrisia religiosa dos líderes do templo e das sinagogas. Suas ideias provocaram interesse das multidões e até hoje são heréticas para o sistema mundano.

Estou convencido de que *Salvos da Perfeição* contribuirá para uma reflexão mais séria daqueles que buscam viver a fé cristã com sinceridade e sem presunção.

Em Cristo Jesus, nosso Senhor e Mestre!

Elienai Cabral, pastor



INTRODUÇÃO

GUARDO DOS MEUS FILHOS UMA IMAGEM que me impressiona e me ajuda a compreender a Bíblia. Basta anunciar um “era uma vez” e eles largam tudo o que estiverem fazendo. Pupilas dilatadas. O brilho nos olhos de quem está prestes a experimentar o melhor prazer. Sentam-se ao meu redor e me olham como se nada mais importasse. Nada — concludo — se aproxima mais de seu jeito lúdico de olhar a vida que ouvir uma história. Nada é mais verdadeiro e tocante. Nada os trata com tanta propriedade, como crianças, que o conto. Nem precisa ser uma boa história, triste ou feliz, de aventura ou suspense, de fazer dormir, não interessa. Porém também preciso admitir que nada me inclui mais no mundo dos meus filhos que uma boa história. Somos mais íntimos e mais felizes quando nos sentamos no chão do quarto e embarcamos na aventura que a imaginação nos conduzir. É assim que compreendo o jeito divino de nos falar pelas Escrituras.

A Bíblia não é majoritariamente narrativa por acaso. Não acredito que seja contação de histórias por mera opção de estilo, mas porque é Palavra de Deus e não Palavra sobre Deus. Porque é um som de esperança que ouvimos como se fosse possível

identificar o timbre e a entonação da voz divina. Toda narrativa reivindica fé e imaginação enquanto a lemos. Portanto, não pode ser uma descrição da natureza de Deus, ou uma reportagem da ação divina ou humana. Antes, é Deus andando conosco. É o Pai sentado no nosso chão e experimentado conosco o nosso mundo. Porém não apenas e passivamente; é também o Criador criando-nos a cada geração. Fazendo-nos mais gente. Quanto mais andamos com Deus, nas narrativas sagradas da Bíblia, mais humanos nos tornamos.

Se a Bíblia fosse uma teologia organizada para bem definir Deus e seus propósitos, seria apenas um desafio teórico à nossa capacidade de compreensão e aplicação à vida. Um texto sério e desafiador para a nossa racionalidade, no entanto não nos tocaria. Não nos afetaria a partir do coração. Mas porque é narrativa, ou seja, feita de histórias, é já Deus entre nós. É seu percurso ao nosso lado. Ensinando-nos. Formando-nos. Inspirando-nos. Se a Bíblia não é uma teologia, mesmo inspirando tantas teologias, mas uma pedagogia, Deus não é teólogo, mas pedagogo.¹ Não quer nos informar sobre o que o define melhor, mas nos formar na sua melhor ideia de nós mesmos: nossa humanidade.

A criação, na Bíblia, não parece pretender um relatório jornalístico de como Deus fez tudo o que existe. Parece-me que sua ideia é anunciar um grande amor de Deus – a humanidade. Nela culmina o relato da criação como que indicando não uma ideia malsucedida, ou provisória, mas a melhor ideia. Daí em diante, a narrativa bíblica é apenas Deus insistindo em ensinar-nos como bem vivê-la.

Nosso pecado também é anunciado com ênfase. Ao lado da invenção da nossa humanidade como uma ideia de amor,

1 SEGUNDO, Juan Luiz. *O dogma que liberta; fé, revelação e magistério dogmático*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 402-408.

temos a contrapartida triste do pecado. Não acho que o pecado tenha sido descrito como uma transgressão à regra do fruto proibido, mas o acolhimento da sugestão venenosa da Serpente de saber como Deus. De ver como Deus. De ser como Deus. De desprezar, portanto, a vida humana. “[...] seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores [...]” (Gn 3.5). Fugir à nossa humanidade divinizando-nos é como sempre pecamos.

Pecar é se desumanizar. É fechar os olhos para os limites. É fingir imortalidade. Razão por que acumulamos bens insaciavelmente — achamos que nunca vamos morrer. Razão por que não prestamos atenção às pessoas à nossa volta — acreditamos que somos suficientes. Ou por que descuidamos do meio ambiente — duvidamos que os recursos do mundo se esgotem. Enganamo-nos agindo como deuses. O Deus da Bíblia é apresentado pelo salmista como aquele que “sabe do que somos formados; lembra-se de que somos pó” (Sl 103.14). É o mestre que nos convida a reaprender o caminho de uma boa existência.

Pior que a pretensão tola de querer ser como Deus é a religião, em nome de Deus, subestimar a vida humana e insinuar um jeito angelical de viver como um ideal de santidade. Demoniza o que é humano e impõe uma agenda de pretensa divinização da vida. Insinua uma existência sem tensões, medos, dúvidas, aflições. Sem pequenos prazeres. Sem alegrias banais. Sem dança, festa, riso, vinho e amor. O Deus de Eclesiastes, na contramão dessa religião, estimula-nos a reagir às imprecisões da vida com mais humanidade: “Vá, coma com prazer a sua comida e beba o seu vinho de coração alegre, pois Deus já se agradou do que você faz. Esteja sempre vestido com roupas de festa, e unja sempre a sua cabeça com óleo. Desfrute a vida com a mulher a quem você ama [...]” (Ec 9.5-7).

No entanto, é em Jesus que o Deus das Sagradas Narrativas nos ensina a melhor lição. Ao fazer-se gente, escolhe a vida humana como a melhor expressão que podemos ter de Deus (Hb 1.3). Logo, o convite bíblico de nos modelar em Deus somente pode ser aceito a partir de Jesus. Tornar-se parecido com Deus é tornar-se humano como o seu Filho, o mais humano dos homens que já viveu entre nós. Ninguém experimentou a humanidade com a intensidade com que Jesus o fez. Por isso Paulo resolve o problema das nossas disputas por superioridade pedindo-nos para encarnar os mesmos sentimentos que Jesus teve. E o apóstolo dá a dica: a única superioridade que não nos diminui em valor é a do amor que nos humaniza, razão por que “Deus o exaltou e lhe deu um nome que é sobre todo nome, Jesus”, o nome da salvação da nossa humanidade (Fp 2.5-8).

Salvos da Perfeição é meu convite para o leitor experimentar a companhia graciosa do Deus revelado na Bíblia. Somente uma revelação em narrativas é capaz de apresentar um Deus que não precisa nem sequer ser convidado para nos ajudar, porque ele está desde o princípio entre nós. É um Deus com as nossas narrativas. Na Bíblia, Deus faz diferente de como geralmente imaginamos. Não somos nós que o chamamos para entrar na história, é ele que nos chama, de dentro das tramas de nossa vida, a não desistir da nossa humanidade com o risco de desperdiçarmos sua melhor ideia para nós.

Cada capítulo é um pequeno esforço imaginativo para descobrir Deus em uma narrativa bíblica. A cada narrativa, podemos descobrir um Deus com a nossa história. Um Deus que pode ser narrado ao nosso lado. Elas contam a história de gente como nós ao lado de um Deus como o revelado em Jesus. Este é o poder penetrante das Escrituras. A Bíblia, ao narrar suas histórias, recheadas da mesma humanidade que a nossa,

revela um Deus que gosta de estar entre nós. O Deus da Bíblia não apenas nos ama, ele ama a nossa humanidade.

Os capítulos não estão organizados em uma sequência necessária. Distribuí-os na sequência dos livros da Bíblia, sem que, no entanto, pretendesse uma abordagem panorâmica e abrangente. Talvez uma amostragem despreziosa da pedagogia do *Paraclete*, como Jesus se descreve e ao Espírito Santo, aquele que se coloca ao lado para nos ajudar. Eu diria mais, para nos ajudar a nos livrar da pretensão tola e venenosa, insinuada pela Serpente, de uma vida perfeita. Espero que cada capítulo colabore em sua peculiaridade para nos salvar deste veneno.



parteum



UMA IDEIA ANTIGA PARA UM PROJETO
RENOVADO DE SER GENTE





ENCONTRANDO DEUS NA PRÓXIMA ESQUINA

MISTIFICAMOS AS PERSONAGENS DA BÍBLIA e suas histórias — a mística igreja transforma-os em supercrentes e a hollywoodiana, em heróis da fé — e perdemos o que há de mais sublime em suas narrativas: a banalidade. O Deus da Bíblia se encontra com homens e mulheres idênticos a nós em momentos semelhantes aos que vivenciamos diariamente: na próxima esquina. O genial do texto bíblico é descrever cenas tão banais em um projeto carregado de tanta beleza — juntar-se a Deus para um mundo melhor — que não há como sentir-se de fora e desencantado.

É assim que precisamos ler o livro do Êxodo, entendendo que sua narrativa não é a de heroísmos, mas da história concreta de gente comum que conta com a companhia de Deus: não como um interventor inquestionável, nem como uma mãe superprotetora, mas como uma presença pessoal e delicada que convida homens e mulheres para se tornarem seus parceiros na criação de um mundo humanizado.

O Deus que vemos no Êxodo não é alguém que vem para o nosso mundo extraordinária e eventualmente, mas que já estava nele antes de nós e por isso é seu mundo também. Não

vem de fora, ele apenas continua dentro do mundo que fez para a sua vivência compartilhada conosco. Quem lê o Êxodo já precisa ter compreendido esta verdade do Gênesis.

Além disso, ele criou um mundo inacabado. E o fez porque ao nos criar neste mundo também nos convidou para a liberdade de ser. Liberdade que sempre precisa de projetos inacabados para não ser um faz-de-conta que disfarça determinismos e condicionamentos. Liberdade que sempre precisa da vida ordinária para não ser uma fantasia. Liberdade que sempre pressupõe nossa finitude e banalidade para ser criativa e prazerosa. Porque uma vida marcada por exceções é uma vida condicionada por forças extraordinárias, forças de fora e esmagadoras de nossas responsabilidades e protagonismo. No Êxodo, Deus está ao lado de gente que não deixa de ter medo, de sofrer, de desejar mas nem sempre conseguir, de não ter tudo o que gostaria, de adiar algumas conquistas, mas que é gente que vive de verdade.

Se você conhece a história do Êxodo pelo enfoque com que somos apresentados tradicionalmente ao texto, do Deus poderoso das dez pragas que culmina sua força inclemente no afogamento de Faraó e seu exército, no mesmo mar que abreira para livrar os israelitas, certamente questionará essa presença delicada de que falei. Porém creio que a chave de entendimento do Êxodo, bem como de todo o Antigo Testamento, não seja a manifestação de força e sim a aparição amorosa de Deus às pessoas. Nós é que enfocamos com exagero as cenas que descrevem manifestações do poder divino, mas não o texto bíblico.

Vale lembrar que as aparições poderosas estão sempre vinculadas ao coletivo, à mobilização de muitos. E que são sempre frustrantes para Deus. Erick Fromm propõe em sua “interpretação radical” do Antigo Testamento que o Deus poderoso no Êxodo endurece o coração de Faraó (4.21) tanto quanto o

coração do povo que quer libertar (14.11; 16.3).¹ Quanto mais poder demonstra mais corações embrutecidos gera. Faraó termina afogado e o povo de Israel tem que sepultar sua primeira geração de libertos no deserto (Nm 14.21-23) – todos com um coração duro e muitas histórias de poder para contar. Se a história da liberdade humana continua no Êxodo, como em toda a Bíblia, não se deve às grandes manifestações de força divina ou humana, mas às pequenas manifestações de bondade, pessoais e duradouras (Nm 14.24).

O que mais sobressalta no texto, portanto, é o modo criativo e tangível como Deus procura pessoas individualmente para participarem da salvação do mundo. É o caso de Moisés. A relação de Deus com Moisés é um fato que se sobrepõe aos demais no livro. A maior parte da narrativa sobre as manifestações de Deus não é gasta descrevendo a sua imponência, mas, antes, a sua relação pessoal com Moisés (33.11).

A história do Êxodo, portanto, bem antes de ser a história de uma nação impactada pelo poder divino, é a história de um homem, Moisés, convidado por Deus para ser seu companheiro na criação de um mundo melhor, a partir da libertação de uma nação e sua condução à maioridade. O Êxodo nos mostra um Deus que se aproxima tanto de nossa história que, ao narrar a trajetória de um homem, é preciso que seja incluída a participação do próprio Deus. Não dá para falar de Moisés, seus sonhos, conflitos e superações sem falar do “Eu Sou”. Não dá para falar de Deus no Êxodo sem descrever Moisés. O Deus da Bíblia é assim, um Deus com narrativa. Por isso, a história do Êxodo se inicia com a biografia de Moisés. Por isso, o ponto mais decisivo do Êxodo é um encontro, não combinado, entre Deus e Moisés, descrito logo no terceiro capítulo do livro.

1 FROMM, Erick. *O Antigo Testamento*, uma interpretação radical. São Paulo: Fonte Editorial, 2005. p. 159.

Moisés apascentava o rebanho de seu sogro, tendo acabado de cruzar um deserto para levar o gado a um lugar com alimento e água. Fazia isso todo dia. Então encontra Deus. Não o encontra em um lugar excepcional, mas em um lugar comum.

Se Moisés vivesse em nossos dias, em uma grande cidade como São Paulo, talvez fosse um profissional liberal. Diariamente teria que cruzar a cidade, visitar clientes, enfrentar engarrafamentos, lidar com a violência, administrar o estresse da vida urbana. Certo dia, em uma dessas esquinas da cidade, ele veria algo especial. Um sinal convidativo de Deus. Ali, no meio da vida comum, encontraria Deus. O espaço de seu encontro com Deus seria tão banal como o descrito no Êxodo. Portanto, nada justifica que qualquer pessoa sintasse excluída da mesma possibilidade de encontrá-lo nas esquinas da vida.

O Deus bíblico é o Deus que se revelará a nós na próxima esquina. Ele insiste em se encontrar conosco pelas esquinas da nossa rotina, mas com frequência o desprezamos pela dureza do nosso coração: ativismo, insensibilidade, obsessão insaciável por conquistas. Porém essa dureza de coração não é ingênua, é sofisticada. É uma dicotomia. Mistificamos ambientes e instantes, o templo e o culto, e dessacralizamos a maior parte de nossa vida, o trabalho, o quarto do casal, o trânsito e a correria diária. Dessa forma, artificializamos a vida e fugimos do confronto de nossas verdades com o divino.

O texto que narra o chamado de Moisés sugere que ele não sofreu um corte grosseiro e soberano de Deus em sua história, mas que ele se aproximou, prestou atenção aos sinais, deixou-se envolver. Conversou com um Deus que se mostrou delicadamente, buscando sensibilidade e desejo.

Moisés correspondeu à iniciativa divina. Deus o procurou nos espaços reais, banais, de sua vida, o convidou à colaboração

no seu empenho redentivo do mundo, e ele simplesmente correspondeu. Acredito que ele atendeu ao convite divino porque não se deixou entediar pela simplicidade da vida.

Frequentemente Moisés fazia aquele trajeto, cruzava o deserto até chegar ao pé do monte Moriá. Lá havia boa pastagem e água para o gado. No caminho, as plantas retorcidas e cheias de espinhos típicas do deserto, como as sarças, tornaram-se uma cena previsível. Já vivi no planalto central do Brasil, no Distrito Federal, e sei que, com baixos índices de umidade e o sol ardente, a vegetação seca pode sofrer autocombustão. É comum ver pequenos focos de incêndio nos arredores das estradas. A sarça queimando, vista por Moisés, era uma imagem típica do cenário do deserto percorrido por ele. Nada excepcional. Nenhuma surpresa.

O que chamou a atenção de Moisés foi um detalhe que poderia ser facilmente desprezado: a sarça incendiada não parava de queimar. Moisés olhou uma vez, nada demais, apenas uma sarça queimando. Olhou de novo e viu que ela queimava mais tempo que as outras costumavam aguentar antes de virarem cinzas. Olhou mais uma vez e percebeu que a queima passava dos limites. Foi quando decidiu chegar mais perto para entender o que estava acontecendo.

Aquele sinal poderia ter sido facilmente desprezado por Moisés, mas não foi e isso fez a diferença. Que Deus incrível este. Romântico, eu diria. Faz o jogo da sedução. Esconde-se por trás de um sinal tão delicado que pode ser desprezado. E, se pode ser desprezado, reivindica sensibilidade, desejo, imaginação, reverência.

Moisés percebeu a sarça que queimava sem virar cinzas porque seu olhar foi reverente. Foi o olhar de quem não desistiu do cenário comum de sua vida. Reverência à vida foi o que o levou a se aproximar do chamado de Deus.

Grande parte das nossas encrências começa com o enfado que sentimos pela vida que temos. Enfadados, desistimos de olhar com cuidado, de encontrar valores a serem garimpados com sensibilidade na vida comum. Entediados com a vida, tornamo-nos presas fáceis dos mercadores de ilusões. É o jovem que aceita experimentar droga. É a menina pobre que torna-se prostituta na Europa. É o homem que se encanta pela mulher que não é a sua. É o religioso que se sujeita às falsas promessas do primeiro “guru” que aparece. É a igreja que implanta pacotes de administração de igrejas estrangeiras na busca cega por crescimento numérico. Tudo para encontrar em uma ‘outra vida’ um entusiasmo que essa ‘mesma vida’ parece ter esgotado.

Entretanto, se observarmos com cuidado o Deus da Bíblia, descobriremos que ele fez a opção de se encontrar conosco não em ‘outra vida’, mas na vida mesma que temos, nas esquinas banais da nossa existência. O texto bíblico testifica a escolha divina por se mostrar sem excepcionalidades. Foi assim com a planta ‘feia’ que queimava e não se consumia de Moisés. Com o Jordão barrento do prepotente Naamã (2Rs 6.8-13). Com a voz rouca idêntica à do velho sacerdote Eli ouvida por Samuel (1Sm 3.4-5). Com a farinha no sopão envenenado dos esfomeados profetas de Eliseu (2Rs 4.41). Com a jumenta tagarela do emburrecido Balaão (Nm 22.28-29). Com a aboboreira instantânea de Jonas (Jn 4.6-11). Com o carpinteiro sem formosura de uma Nazaré inexpressiva do Deus que se fez gente (Jo 1.45-46). Com a lama de cuspe do Nazareno para a cura do cego (Jo 9.6-7). Com a fogueira com peixe e pão da restauração do sem graça do Pedro (Jo 22.9, 15-17). Com o Leão da Tribo de Judá com cara de Cordeiro morto do Apocalipse de João (Ap 5.5-6). Um Deus com a cara do cotidiano. Um Deus do jeito poético de Adélia Prado, no poema “Orfandade”:

Meu Deus,
 me dá cinco anos.
 Me dá um pé de fedegoso com formiga preta,
 me dá um Natal e sua véspera,
 o ressoar das pessoas no quartinho.
 Me dá a negrinha Fia pra eu brincar,
 me dá uma noite pra eu dormir com minha mãe.
 Me dá minha mãe, alegria sã e medo remediável,
 me dá a mão, me cura de ser grande,
 ó meu Deus, meu pai,
 meu pai.²

Deus não vai se revelar em ‘outra vida’. Você só vai encontrá-lo se aprender a reverenciar as coisas da sua vida: sua família com seus gestos de amor ou desamor, seu trabalho com seus encantos ou desencantos, seus gostos ou desgostos, suas relações encontradas ou desencontradas, sua igreja exuberante ou em crise. Deus te espera na próxima esquina.

Há algum tempo ouvi uma parábola, de autoria desconhecida. Um homem resolveu construir um castelo. Contratou operários para todas as tarefas e pôs-se à realização. Certo dia, preocupado com o andamento das obras, saiu para inspecionar os trabalhos. Encontrou-se com alguém que carregava pedras e lhe perguntou: “O que você está fazendo?” Ao que ouviu: “Carrego pedras”. Então, mostrou-se ainda mais preocupado com esta resposta. Avistou aquele que cortava madeiras e lhe questionou também: “O que você faz?” Ele disse: “Corto madeiras”. Sua decepção apenas aumentou. Inconformado, percebeu alguém que caminhava com um ar mais resoluto e que lhe chamou a atenção. Ele carregava dois baldes de água. Perguntou-lhe com esperança: “O que você está fazendo?” A resposta veio sem muito pensar: “Construindo um castelo!” A cena da sarça no início de um grande projeto de redenção

2 PRADO, Adélia. *Bagagem*. São Paulo / Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 12.

é um convite a buscarmos um olhar mais reverente para as pequenas, banais, mas significativas partes de nossa vida.

Mas não apenas isso. Moisés não se envolveu com o fenômeno sobrenatural, antes com uma pessoa que se apresentou a ele através do fenômeno. Quando descobriu que havia algo de especial na sarça não se lançou sem critérios. Ao se aproximar ouviu alguém que lhe chamava pelo nome: “Moisés, Moisés”. Foi quando chegou um pouco mais perto. Sua resposta foi um envolvimento: “Eis-me aqui”.

O “eis-me aqui” de Moisés não foi dito diante da sarça ‘inqueimável’; foi uma resposta ao “Moisés, Moisés” de um Deus pessoal. A repetição de um termo na cultura antiga indicava a importância do que se estava dizendo: “Em verdade, em verdade, vos digo que...” Porém a repetição do nome parece indicar intimidade: “Samuel, Samuel”.

Moisés foi atraído pelo fenômeno, mas só entrou nele quando se descobriu em uma relação pessoal com Deus. Ele não disse “eis-me aqui” a uma planta extraordinária, mas a um Deus pessoal.

A angústia de Jesus, angústia de Deus desde sempre, é que as multidões vinham a ele para se encontrarem com o milagre que faria, ou com o fenômeno, e não com o Emanuel, Deus conosco (Jo 6.25-59).

Certa ocasião, um homem, muito chateado, ao final de uma programação evangélica não-denominacional, com empresários, procurou-me dizendo que iria voltar para o espiritismo. Perguntei o que havia acontecido e ouvi a resposta mais assustadora. Disse-me que depois de se converter suas dívidas aumentaram ao invés de diminuírem, que sua empresa continuava quebrada, que estava tão mal financeiramente quanto antes. Portanto, se era para ser assim preferia voltar para a religião de antes. Esse homem não se encontrou com a pessoa de Deus, mas com o fenômeno evangélico garganteado por

muitos. Acho que ele tinha toda a razão. Sua decisão fazia todo o sentido. Alguém lhe apresentou à possibilidade de sucesso ao aderir à fé evangélica. Não tendo vindo o sucesso, por que continuar nessa fé que frustrou suas expectativas? Não se encontra com Deus quem não o busca como quem procura uma pessoa. Não se consegue levar uma pessoa a Deus sem apresentá-la a um relacionamento pessoal.

Há um outro movimento no encontro de Moisés com Deus que me intriga. Um movimento que reconcilia pessoas com pessoas e pessoas com a vida em sua finitude e banalidade. Moisés se encontra com Deus à medida que faz as pazes com o seu passado. Muitos religiosos com frequência falam do encontro com Deus como um abandono do passado, o que é uma reedição da mania de fantasiar para fugir do que é comum e concreto na vida. O que é mais verdadeiro na vida que o nosso passado? O presente nunca existe, porque à medida que o percebemos ele torna-se passado. O futuro ainda não é. E quando acontece vira também passado. Logo, quem nega o passado nega a vida. Contudo, não me parece que essa seja a perspectiva do Deus bíblico.

Lembremos quem foi Moisés. Ele foi aquele bebê hebreu que precisou ser deixado no rio Nilo, em um cesto de junco calafetado com betume, para não ser morto com os demais bebês do sexo masculino do povo hebreu. Os soldados egípcios estavam assassinando os meninos hebreus em uma medida política perversa. O cesto boiando no Nilo foi uma armadilha apelativa aos instintos maternos das filhas de Faraó que ali se banhavam. E funcionou; uma delas se encantou com o bebê. Deu-lhe o nome de Moisés, que do egípcio *masha* significa “tirar”. Escondida atrás dos juncos, a irmã de Moisés ofereceu uma hebreia — a própria mãe do menino — para cuidar da criança. Crescido, foi morar na casa de Faraó. Pela janela observava e chorava a dor de seu povo escravizado (Êx 2).

Quem era Moisés? Era um judeu que só sofria na janela. Era um escravo que vivia como príncipe. Um príncipe que sofria como escravo. Sem saber o que fazer com a sua história, atrapalhou-se lutando pelo seu povo. Matou um egípcio que surrava hebreus e precisou fugir para não morrer. Foi viver no deserto porque não conseguiu lidar com as ambiguidades da sua história sem provocar uma tragédia.

Onde Deus se revelou a Moisés? Na ferida aberta de seu passado: “Eu sou o Deus de seus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó”. Essas foram as primeiras palavras que ouviu. Deus, ao se identificar, faz o que Moisés tentou fazer e virou tragédia. Reconcilia-o com o seu passado, com a sua história. Parece dizer: ‘Não sou o Deus que para ser conhecido precisa amputar sua história. Ao contrário, sou o Deus que para ser acolhido é preciso que se olhe de novo para a sua história. Descobrir-me lá, onde sempre estive, é encontrar-me plenamente’.

Quando Moisés encontra Deus? Quando encontra redenção para a sua história. Não creio em cura das memórias. Memórias difíceis e doídas serão sempre memórias difíceis e doídas. Acredito em redenção das memórias. Por mais difíceis que sejam nossas memórias, ou por mais atrapalhada que seja a nossa história, Deus se coloca nelas e, a partir delas, revela-se a nós como o Deus que sempre esteve perto.

Deus está dizendo a Moisés: ‘Essa sua velha história com a qual você não sabe o que fazer, da qual você gostaria de se livrar, é a única história que você tem, a sua única verdade e, portanto, a única da qual eu faço parte. Eu sou o Deus de seus pais’. Deus está devolvendo Moisés para a sua história à medida que a assume como a história da sua revelação a ele.

Só existe uma história em que Deus se revela a nós, uma história de verdade. E a única história verdadeira que temos

é a que vivenciamos até aqui, com nossos pecados, dores e tragédias. A única história na qual Deus quer agir.

É depois de ser reconciliado com a sua história que Moisés se transforma em um verdadeiro adorador. Põe a mão no rosto com medo. É muito Deus para pouco Moisés.

Curioso! Moisés esquece a sarça maravilhosa. Sua adoração não tem mais nada a ver com o milagre da sarça, é apenas consciência da grandeza e realidade de Deus ali.